

**18° Congresso Brasileiro de Sociologia**  
**26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)**  
**GT03 Sociologia e Imagem**

Título do Trabalho - Últimas Conversas: Narrativas juvenis pelo olhar de Eduardo Coutinho

Autora - Gianne Neves Oliveira

Instituição - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ)

## 1) Apresentação

Este trabalho foi escrito no âmbito da disciplina *Juventude e desigualdades no mundo urbano* que teve como objetivo tratar a juventude em suas intersecções, inserções e transições, abordando diferentes temáticas que perpassam a ideia do que é ser jovem. As páginas a seguir serão um exercício de inter-relacionar os temas trabalhados nos textos e aulas com as narrativas juvenis que estão no documentário *Últimas Conversas* (2015).

Este documentário, dirigido por Eduardo Coutinho<sup>1</sup>, gravado em 2013 e lançado em 2015, traz o depoimento de 9 jovens que apresentam suas histórias de vida entrelaçadas por contradições, conflitos e ambivalências. O filme mostra que em comum eles têm o fato de estarem finalizando o 3º ano do Ensino Médio, em escolas públicas, alguns vão fazer a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e são moradores do Rio de Janeiro.

A seguir, em *Histórias Editadas*, faço a análise dos depoimentos das duas 2 primeiras jovens<sup>2</sup> que aparecem no filme, em sequência respeitando a edição, relacionando-os com algumas leituras feitas durante o curso, considerando sempre os elementos fílmicos<sup>3</sup> presentes. Para encerrar, farei algumas considerações.

Importante destacar que este estudo considera os jovens como sujeitos de direitos, com igual potencial de aprendizado e competência criativa e ainda, que existe em suas histórias de vida uma diversidade no que se refere aos desejos, anseios, demandas, necessidades e oportunidades. O que se pretende aqui é estabelecer uma relação entre as reflexões sobre juventude trabalhadas na disciplina citada e a diversidade presente na condição juvenil retratada neste filme.

---

<sup>1</sup> Eduardo Coutinho foi um dos principais documentaristas brasileiros, reconhecido por sua habilidade de escuta atenta ao estabelecer diálogos profundos com seus entrevistados. Morreu em 2014 e por este motivo o filme *Últimas Conversas* foi editado e finalizado por Jordana Berg e João Moreira Salles, que trabalharam por anos com Coutinho, ela como editora e ele como produtor. Eduardo Coutinho foi um dos fundadores da ONG (Organização Não Governamental) CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, onde atuo há mais de 20 anos coordenando projetos com jovens nas áreas de educação e comunicação.

<sup>2</sup> No trabalho original, foram analisadas as 3 primeiras entrevistas. Esta versão foi feita atendendo aos critérios e limites do 18º Congresso Brasileiro de Sociologia.

<sup>3</sup> Considerarei aqui, principalmente, planos e enquadramentos (plano aberto – mostra o personagem e o ambiente; plano médio – mostra o personagem de forma mais próxima, com bem pouco ambiente; plano close – a câmera está bem próxima ao personagem; plano super close – mostra detalhes do personagem; plano-sequência - registra uma sequência inteira sem cortes; corte – passagem de um plano para outro).

A escolha desse filme se deu por um conjunto de razões, minha relação afetiva com o diretor com quem pude conviver por muitos anos, minha admiração por sua forma sofisticada de fazer documentário, minha paixão pelo tema da juventude e por entender que esse documentário fortalece o reconhecimento da noção de jovens enquanto sujeitos de direitos, pressupõem-se como atores sociais, que devem ter a sua autonomia, formas de agir e pensar, respeitadas e ainda sua identidade e suas formas de expressão valorizadas. Uma concepção recente que ainda é um desafio, visto que a condição juvenil é pautada por estereótipos e contradições, concepções que orientam ações controladoras e tutelares.

Últimas Conversas tem os jovens cariocas como seus principais personagens, que considera a sua maneira de ser e agir. Parece-me que esse filme inaugura, no Brasil, uma outra forma de abordar o tema da juventude, de forma clara e direta, a partir do olhar dos próprios jovens sobre si mesmos, por meio da conversa e do diálogo.

Este trabalho é uma tentativa de refletir sobre o jovem em si, tendo como ponto de partida um documentário e as histórias e atos narrados por jovens. Pretendo valorizar as subjetividades apresentadas ali por meio das falas e das imagens, com atenção a aspectos como classe, raça, religião e gênero que atravessam o tema da juventude.

## **Vamos a essas Conversas!**

### **2) Histórias editadas**

“Últimas Conversas” é antes de tudo um filme sobre pessoas e neste documentário Coutinho diz que elas são jovens. Os diálogos a seguir abordam questões como: Quem são esses jovens recém-saídos do ensino médio? Como jovens veem suas próprias vidas? Como foi a construção de quem eles são hoje? Quais são as aspirações? A palavra e a imagem têm papel fundamental nessas conversas, por isso descrevo a seguir os primeiros 2 depoimentos.

O filme que tem como cenário uma sala de aula com apenas uma cadeira, começa com Eduardo Coutinho em cena, em uma conversa com Jordana Berg, sua editora, na presença de outras pessoas da equipe.

“O que é memória para um menino de 15, 16 anos?” Pergunta Coutinho logo no início do filme e diz: “Eu queria fazer um filme sobre porque se conversa e eu não consigo fazer nenhum nem outro. Então, é melhor não fazer e melhor não fazer um filme de 70 minutos que você não acredite. É muito pouco tempo no cinema. A pessoa fica aqui 1, 2 horas. Já vem toda armada. Não é à toa que vem maquiada. Daí você quebra? Quebra fazendo o quê? Falando filho da puta? Puta que pariu como é que vai quebrar? Eu não sei, eu não sei. E vai aparecer isso. Momentaneamente ou para sempre eu perdi a ligação que tinha com o mundo. Aí é o fim.”

E Coutinho continua sua reflexão: “As outras personagens eu pude amá-las, não que eu não possa amar essas. Me arrependo de não ter feito com crianças. Criança não precisa fingir. Criança ela produz as grandes questões. Jovem já vem moldado e precisa de licença do pai e da mãe pra falar. Ele é castrado uma hora antes, meia hora antes da entrevista. E o que que eu vou fazer? ”

E Jordana (J) dialoga com Coutinho (C):

**J:** Você vai quebrar isso com as ferramentas que você sempre teve.

**C:** Quebrar a porrada a tijolo?

**J:** Com as ferramentas que você sempre teve.

**C:** Quais são as ferramentas? O cinismo? A agressividade?

**J:** A ferramenta é curiosidade.

**C:** As outras pessoas sentem que eu estou curioso, será que eles acham que eu não estou? Eu tô perguntando só de (faz gesto com a mão querendo dizer que pergunta por perguntar) assim eu senti. Se eu não estou curioso, porque falar?

**C:** Só posso dar os olhos, o corpo.

**J:** Mas, você está dando?

**C:** Não sei.

Silêncio (Coutinho balança a cabeça negativamente)

**C:** Ter fé é difícil. Recuperar a fé é muito difícil.

**J:** Você tem vontade de parar de filmar? Amanhã você tem folga e de não voltar?

**C:** Não posso. Tenho que viver. Por que daí eu tô morto.

**J:** Morto por quem?

**C:** Pela vida, porque não vou ganhar mais dinheiro. O que que eu vou fazer se eu não filmo?

**J:** Não estou dizendo não filmar mais, eu estou dizendo não filmar mais esse filme que você está dizendo que não está querendo fazer.

**C:** Ah! mas, isso eu não posso.

**J:** Eu tô tratando você como adulto? Você está dizendo que não quer uma coisa, então não usa essa coisa.

**C:** Eu tenho um contrato com o governo do estado, que eu tenho que fazer esse filme e acabou.

**J:** Você já fez vários contratos com o governo do Estado que era um filme e você fez outro?

**C:** Não, não, eu cumpri todos, ah eu fiz outro. Com o mesmo dinheiro, com o mesmo tempo.

**J:** Com mesmo dinheiro e mesmo tempo, três dias a mais.

Mais silêncio (uma expressão de lamentação de Coutinho)

**C:** Demasiado tarde.

**J:** Porque?

**C:** Não. Eu tenho cinco dias para filmar, não é isso? Cadê a produtora aí? Ela sabe. Tenho cinco dias para filmar. Se fosse um dia a mais para resolver. Mas, esse não é o problema. Não é um dia a mais. Chega.

**J:** Chega. Vamos lanchar?

Coutinho olha para a câmera e diz “corta”.

O início do filme coloca Coutinho bastante presente no filme e o conteúdo da conversa, entre ele e Jordana, que se deu ao final do penúltimo<sup>4</sup> dia de gravação, trás o desconforto e descontentamento em se ouvir os jovens. Uma dificuldade que aparece em muitos outros espaços e situações. A aproximação do diretor com os personagens, o

---

<sup>4</sup> Uma cartela traz a informação que a conversa foi gravada ao final do quarto dia de gravação. Coutinho só teria mais um dia para gravar outros depoimentos.

estabelecimento de confiança e a partir daí os diálogos mais densos, é difícil e processual com qualquer outro tipo de personagem. Coutinho utilizou ali a mesma metodologia<sup>5</sup> de aproximação usada em outros filmes, entretanto com os jovens parecia ser uma tarefa muito mais difícil. Me pergunto porquê? Coutinho estava orientado pelos estereótipos construídos em torno da juventude? Porque Coutinho disse não poder amar aqueles jovens?

Para Coutinho os jovens achavam que ele não estava verdadeiramente curioso em saber suas histórias e que por isso os depoimentos eram travados. Me pergunto ainda, será que aquela situação de conversa com uma pessoa mais velha não intimida os jovens, a questão geracional interfere? Será que aquela não era uma situação com a qual os jovens não estão acostumados a viver? Quais são os espaços de diálogo que os jovens têm? Como as conversar se dão? Os jovens podem ser honestos sempre?

Estaria Coutinho tendo uma atitude juvenil, fazendo algo que não quer fazer, mas se sentindo obrigado? Estaria Coutinho também castrado nesse processo, de não querer estabelecer o diálogo com aquelas pessoas? Ele tinha a possibilidade de mudar tudo, mas não o fez? Porque? Porque apesar da insatisfação ele persistiu nessa gravação?

### **Muitas perguntas...segue o filme.**

Dá imagem do Coutinho de cabeça baixa, corta para imagem de uma porta, que se abre, e aparece uma jovem, de cabelos cacheados cumpridos, abaixo dos ombros, de pele branca, usando óculos, uma camiseta, calça e bolsa vermelhas, calçando o tênis AllStar ela é a **Tayna (T)**.

Coutinho a recebe com um sonoro boa noite e um aperto de mão, enquanto ela tira a bolsa do ombro para se sentar. E ele diz: eu nunca sei se eu devo cumprimentar ou não, mas também eu sou jovem no ofício e ela responde “ah” e se senta.

---

<sup>5</sup> A equipe de pesquisa e produção faz a primeira triagem dos personagens, fazendo conversa prévia com as pessoas já coletando informações sobre elas. Essas informações, que funcionavam como base, eram passadas para o Coutinho que as utilizava no decorrer das entrevistas na tentativa de aprofundar determinados assuntos.

Plano médio da Tayna

**C:** Boa noite.

**T:** Boa Noite.

**C:** Tudo bem?

**T:** Tudo.

**C:** A gente tá fazendo um filme aqui que deve dar errado. Porque tudo que eu tô fazendo dá errado agora. Mas, enfim a gente está conversando com jovens do terceiro ano do ensino médio no Rio, mas a gente não quer fazer um filme sobre escola não. A gente quer fazer um filme sobre pessoas e eu tenho umas informações vagas e tal e eu vou te fazer perguntas lógicas e perguntas absurdas como se eu tivesse 5 anos, porque eu faço com todos assim.

Enquanto Coutinho dá essa explicação Tayna o ouve calada, olhando para ele, apenas mordendo dos lábios.

**C:** Me diga uma coisa: seus pais estão vivos?

Tayna responde sorrindo, quase incrédula

**T:** Tão.

**C:** Ué você rir? Ninguém sabe, nunca se sabe. O que seu pai faz?

**T:** É porteiro.

**C:** E sua mãe?

**T:** Não sei direito, ela trabalha na igreja.

**C:** Seu pai tem religião ou não?

**T:** Tem.

**C:** O que que é?

**T:** Católico.

**C:** E você?

**T:** Não.

**C:** O que que você é?

**T:** Ateia.

**C:** E ser ateia, tá achando que isso não tem problema, pode ser que você mude um dia, ou não, não há lugar para Deus?

Imagem em close

**T:** Não, não. Eu conheço outras religiões, mas eu não tenho interesse em religião.

**C:** Não tem problema nenhum com isso?

Ela responde balançando a cabeça negativamente.

**C:** Você fala que tem muito humor negro por aí? Porque você faz humor com você mesmo?

Super close

**T:** Eu falo que aprendi taekwondo, falo que aprendi jiu jitsu, que eu aprendi um montão de lutas, MMA, na escola Francisco Alves (com tom bem irônico).

**C:** O que quer dizer isso?

**T:** Eu aprendi apanhando. Aí tem gente que ri dessa história. (ar de riso).

**C:** Porque, as pessoas batiam em você lá?

**T:** É. Batiam, eu apanhava todo dia.

**C:** Bullying?

**T:** Aham. (Ela ajeita o óculos no rosto)

**C:** Mas porque você acha que te esculhambavam lá? Dá para saber? Os meninos são malvados né?

**T:** Tudo é cruel no bullying.

**C:** Toda infância é um pouco cruel né?

**T:** Sempre cruel.

**C:** Adolescência também é cruel.

**T:** Também é cruel.

Depois de um corte de uma imagem para outra

**T:** Eu tinha o rosto cheio de espinhas, mal andava direito, eu tinha um cabelo ferrado, ainda ficavam me julgando por causa disso.

**C:** Quantos anos você tinha?

**T:** 14.

**C:** Nega, me diga uma coisa, você nunca teve namorado?

Tayna muito séria

**T:** Não. Não tenho interesse.

**C:** Porque você é excluída ou porque não tem interesse?

**T:** Não, eu não tenho interesse mesmo.

**C:** Não tem?

**T:** Não.



**C:** Um dia pode ter?

**T:** Posso ter.

Silêncio, Tayna morde os lábios. Plano sequência, logo depois do silêncio

**T:** Eu só tô esperando a série da HBO, Game of Thrones, lançar o jogo online, porque eu gosto dessa série, sou viciada.

E Coutinho em silêncio.

Corte

**C:** Você escreve histórias e poemas?

**T:** uhum.

**C:** É poemas o que, verso mesmo?

**T:** Poemas, versos.

**C:** Você não escreve poemas sobre o amor, sobre a natureza?

**T:** Eu falo sobre o amor.

**C:** Ai que bacana, é? Tem coisas de amor também.

**T:** Tenho.

**C:** Mas você disse que...

**T:** Digo amor de afeição, mas não digo...mas não acredito no amor.

**C:** Você disse que não sabe, que provoca medo e sofrimento, é isso?

**T:** Provoca (risos)

**C:** Mas, a vida provoca medo e sofrimento. Viver é sofrer, é passar por isso.

**T:** E eu tenho medo de passar por isso, por isso que eu não quero nem passar por isso.

**C:** Mas, o simples fato de viver você passa por isso. Não precisa um estar certa não.

Cada dia um...ninguém pediu pra nascer, ninguém sabe o dia que vai morrer. Viver é isso.

**T:** A vida é uma selva.

**C:** É.

Corte

**C:** Você vai ao cinema, não vai ao cinema?

**T:** Vou. Eu leio sempre crítica no jornal.

**C:** Você lê crítica no jornal? (tom da pergunta parece que ele quase não acredita no que ouviu)

**T:** Jornal não, na revista O Rio. Porque se eu não visse ia pagar 12 reais à toa.

**C:** É.

**T:** Eu ví *As vantagens de ser invisível*, muito bom. *Bling Ring: A gangue de Hollywood*, ham que mais? Eu ví *De pernas para o ar 2*.

**C:** Ai meu Deus eu ia perguntar pra ela se você conhecia um tipo de filme do exterior chamado filme brasileiro e você viu o *Pernas pro ar 2*. Você gostou?

**T:** Gostei.

Depois de um corte Tayna afirma “eu tenho bom gosto”.

**C:** Eu não sei se você tem bom gosto.

**T:** Eu gosto de *Beatles*, *Rolling Stones*, gosto de *Rush*, eu gosto de *Limp Bizkit*, *Slipknot*, *Drowning Pool*.

Depois de um corte

**T:** Para mostrar que eu tenho bom gosto, eu tenho aqui músicas no meu celular.

Ela mostra o aparelho para o Coutinho.

**C:** Então, vamos lá.

Ela entrega o celular para ele

**C:** É melhor pegar na mão ne’?

**C:** É legível?

Aparece a tela do celular

**C:** Pra mostrar que ela tem bom gosto ó

E aparecem 2 títulos de músicas em inglês (*Till we die*, *30 seconds to mars*) e o nome de dois rappers americanos (*50 cent* y *just Timberlake*). Coutinho começa a ler o que aparece, mas o celular apaga.

**C:** As coisas somem na minha mão.

Corte

**C:** Agora história, o que você escreve de história? O que é histórias.

**T:** Eu escrevo histórias, crio histórias e de coisas que aconteceram na minha vida. Eu tenho um diário que eu falo sobre a minha vida escolar, essas coisas. Eu até escrevi várias coisas que aconteceram.

**C:** Você pode me mostrar?

Imagem da Tayna pegando o caderno na bolsa e ela tira um caderno rosa, com um desenho de uma boneca abraçada com um cachorrinho na capa. Então, fazem uma pan, do caderno para o rosto da jovem.

**C:** Você escreveu sobre as manifestações desses últimos meses? Onde é que isso está?

**T:** Está no dia 20. Eu sempre escrevo o dia.

**C:** Agora me diga o que que é mais importante no livro, o começo, o meio ou o final?

**T:** A parte mais interessante é quando a gente tava lá, cantamos o hino, foi até emocionante, porque eu me senti patriota. Um orgulho de ser brasileira naquele momento.

Corta para Tayna olhando e balançando o caderno.

**T:** Tem uma história engraçada que é só para 18 anos.

**C:** Quer que eu leia?

**T:** É melhor você ler. Eu tô meio sem graça.

Coutinho pega o caderno dizendo, “mais sem graça”.

Com a imagem do texto escrito com a letra de Tayna e da mão Coutinho sobre o caderno, Coutinho lê a história.

**C:** 27 de junho de 2013, quinta-feira, hoje sai da escola e fui direto para casa me arrumar para me encontrar com uma amiga. Daí fomos para a Quinta da Boa Vista conversar (imagens da Tayna, que morde os lábios e se mostra envergonhada) enquanto passávamos por lá estranhei, eu estranhei a pausa dela, aí olhei para onde ela estava olhando e vi dois mendigos fudendo, (o rosto da Tayna continua envergonhado, mas agora com um leve sorriso) Quando eu vi, nem gritei. Aí fiz um coro de brincadeira, aí eu gritei – chupa, chupa, chupa – eu e um grupo fizemos juntos (Tayna esconde a boca com a mão e Coutinho repete rapidamente chupa, chupa, chupa né?! E vira a página). Vinte e sete, mesmo dia né? Aí a mendiga chupou. (Coutinho comenta “Eu estou realmente envergonhado). E todos ovacionaram, aplaudiram e assoviaram (Tayna esconde todo rosto com a mão e abaixa a cabeça). Tudo isso terminou quando a guarda municipal os deteve, quando eu cheguei em casa eu postei no Facebook: Mendigo é foda né? (mostra a imagem da folha do caderno escrito “os mendigos fudendo”).

Corta para a Tayna colocando sua bolsa

**C:** Muito obrigado.

**T:** De nada.

**C:** Achei você muito mais alegre do que eu pensava.

Tayna com ar de riso

**T:** Eu tenho cara de ser triste?

**C:** Não, mas não acredita em nada pô, atea e tudo. Eu pensei, é uma pessoa triste pô.

**T:** hum. Tá.

**C:** Eu sou triste acreditando, imagina alguém que não acredita? Você é alegre pô. No fundo.

**T:** uhum.

**C:** Tá. Silencio. (enquanto ela aperta a mão do Coutinho)

**C:** Agora a gente vai fazer você saindo. Segue Jacques<sup>6</sup>.

Ela se levanta e vai em direção à porta e ele diz “tchau nega”. Ela vira para trás dá tchau e ele agradece mais uma vez, ela diz “de nada” e ele diz “Deus queira que você esteja na montagem final. Você vai ser avisada”, ela abre a porta diz “ok” e fecha a porta e ele diz “tá bom?” E dá mais um tchau.

As respostas monossilábicas de Tayna exemplificam a dificuldade no estabelecimento do diálogo entre Coutinho e a entrevistada. Ela parece ser muito tímida e assustada, mas aos poucos chegam a uma conversa que perpassa por temas como religião e família, que muitas vezes se cruzam e orientam as trajetórias juvenis de modo muito contundente. Os temas não foram aprofundando nessa edição do filme.

O tema da escola aparece no depoimento da Tayna. Considerando a perspectiva de Dubet (1996) a escola é um exemplo de local de socialização. Onde transformam-se valores em normas únicas, que moldam personalidades e padrões de comportamento, onde os jovens desenvolvem sociabilidades e estilos de vida. Segundo o autor a escola tem papel fundamental na organização das experiências juvenis. No caso da Tayna, as suas lembranças da escola são relacionadas ao *Bullying* que sofria, seu jeito no filme,

---

<sup>6</sup> Jacques Cheuiche - diretor de fotografia do filme.

introspectivo, pode ter relação com as violências que sofreu, realidade vivida por muitos jovens e que influenciam na maneira de se colocar no mundo.

Tayna demonstra seu interesse pela cultura americana, falando principalmente do seu gosto musical, mas também destaca a sua participação em ações do seu país e orgulho em ser brasileira ao estar nas manifestações que aconteceram no ano em o filme foi gravado. O que parece ser uma espécie de ambiguidade no discurso da Tayna pode ser lido como algo muito complementar e possível. Da mesma forma em que o seu caderno com capa de boneca guarda conteúdos para maiores de 18 anos, como ela mesmo diz.

### **Próximas cenas do filme...**

A personagem já aparece em cena sentada na cadeira, ajeitando a bolsa.

Ela está de camiseta, jeans, casaco amarrado na cintura, uma espécie de bracelete no braço, pulseiras, brinco de pena, unhas pintadas de escuro, tem pele negra, cabelo crespo, no ombro, bolsa camuflada e celular com capa rosa, ela é a **Bruna** (B).

**C:** Quantos anos você tem?

**B:** 18

**C:** Nossa! Deus me perdoe

Ela ri

**C:** Vou te fazer pergunta normal, da vida assim. Você responde mentindo ou não, tanto faz. Porque verdade eu não sei se existe (ela ri) tanto faz. Jovem é complicado porque jovem vive né? Mas, não tem lembrança né? Porque não morreu ninguém, ainda não amou em geral (ela concorda com a cabeça) e vou te fazer umas perguntas completamente imbecis, você entende? Como se eu fosse um marciano ou um menino de 4 anos de idade.

**C:** Aí você foi para escola, te colocaram na escola, você gostava da escola? Você foi estudar porquê? Por que te obrigaram?

**B:** Quando eu era pequena eu sempre quis estudar, eu achava lindo andar de mochila. Depois que eu entrei na escola isso acabou.

**C:** Por que?

**B:** Porque eu acho a escola uma perda de tempo. Eu sei que eu tenho que aprender português, eu quero falar bem, matemática pra mim o que importa é conta de multiplicar e somar, só, o resto é resto.

**C:** E você fez o Enem, não?

**B:** Eu fiz o Enem porque eu quero entrar numa universidade pública.

**C:** De que?

**B:** De cinema.

**C:** Cinema? Cinema em geral? Ou artes?

**B:** Cinema assim. Eu faço um curso de multimídias, que estuda cinema, artes gráficas, designer.

**C:** Como foi fazer Enem?

**B:** Eu achei um saco, desnecessário algumas perguntas chatas mesmo. Química estava superdifícil.

**C:** Tem exame de química?

**B:** Tem de química, uma coisa “chatíssima”. Português estava legal porque estava fácil. Matemática eu nem li, porque meu professor tem uma voz horrível, então sabe, a aula dele irrita (ela imita a voz do professor) então, eu não sei muita coisa de matemática, marquei qualquer uma, mas outras eu li. Redação foi Lei Seca<sup>7</sup>, eu achei desnecessário chato, bem chato assim.

**C:** Você gosta de escrever?

**B:** Eu gosto muito de escrever. Eu tenho histórias, músicas.

**C:** Por que você gosta de escrever?

**B:** Eu não sei. Eu tenho um sonho louco eu escrevo. Uma música. Sei lá, eu tô pensando qualquer coisa e escrevo.

**C:** Como é o sonho?

**B:** Na verdade, teve um sonho que eu tive, foi louco assim (ela ri para ele). Eu era pequena, que eu até contei antes para pessoa, eu nunca tinha contado para ninguém, que era sobre uma menina, eu não sei porque eu sonhei isso, é sobre uma menina que tinha câncer e ela ia morrer. Eu acho que eu sonhei isso, mas eu não sei se eu sonhei ou imaginei. Que ela tinha câncer e ia morrer e ela descobriu isso que a melhor amiga dela e o namorado dela estava traindo ela e tal. Como ela sabia que ia morrer, ela tinha poucos dias de vida, ela pediu pro amigo dela fazer com que a morte dela parecesse um

---

<sup>7</sup> Lei 11.705, do Código de Trânsito Brasileiro, impõe maior rigorosidade no consumo de álcool por parte de motoristas e seu principal objetivo é reduzir o índice de acidentes.

assassinato que quando ela morresse a amiga dela fosse culpada por isso. Aí no final acaba que os exames foram trocados e ela não ia morrer. E na casa ela pediu para explodir a casa dela com ela dentro, depois que ela já tivesse morta junto com a amiga e acaba que a amiga entra na casa antes dela e a amiga dela morre e ela fica culpada. Fica como assassina da amiga e ela não tinha doença nenhuma. Os papéis foram trocados. Coisas loucas (risos).

**C:** E ela é condenada ou não?

**B:** Não, e daí ela é condenada. (fez uma expressão de que não tinha pensado nisso)

**C:** Quantos anos? 20 anos?

**B:** Aí eu não pensei nisso não.

Risos dos dois

**B:** Eu não gosto de história assim com meio.

**C:** É uma novela, dá uma novela.

**B:** É, eu gosto de história com início e com o fim. Começou e terminou porque desenvolver história. Um saco pensar.

**C:** Sem desenvolver não dá pra chegar ao final.

**B:** Eu acho assim o começo, ela ia morrer não ia morrer pronto acabou. Não sei, eu gosto de história rápida.

**C:** Você só inventa história assim?

**B:** É, é só assim. (ela ri) Porque eu não gosto muito de finalzinho 'e viveram felizes para sempre'. Não, isso não existe. Na real isso pra mim não existe, então eu não crio histórias assim.

**C:** Nas suas histórias ficam todos infelizes para sempre.

**B:** Não (ela ri). O vilão se dá bem.

**C:** O vilão sempre se dá bem?

**B:** O vilão sempre se dá bem, claro.

**C:** Por que?

**B:** Porque o vilão é o mais esperto.

**C:** Mas, na vida real é assim?

**B:** (olha para o auto para pensar). É a pessoa mais esperta se dá bem. A bobinha nem tanto né. Pode até ganhar uma coisa ou outra, mas nem tanto né.

**C:** Mas isso você aprendeu em que, em novela, na vida?

**B:** Sei lá, não sei. Não sei explicar como eu aprendi isso. Se a pessoa me perguntar é a primeira coisa que vem na minha cabeça. Só a boba se dá mal e a esperta se dá bem. Não tem outro jeito, você já viu uma pessoa boba se dar bem? A não ser sorte ou milagre de Deus, nossa! Que uma pessoa vai se dar bem, fora isso não.

Corte

**C:** Você tem amigos?

**B:** Tenho, bastante.

**C:** Eles são bobos também?

**B:** São, porque...tem coisas que eu testo assim, tem coisas que eu falo e eles caem assim (expressão de não entender como). Eu falo, eu não cairia nisso. Aí eu acho que eles são bobos, a maioria.

**C:** Você gosta de bobo?

**B:** Não, eu não sei explicar essa concepção de bobo pra eles (pensa)...é diferente do que eu penso sobre o mundo.

**C:** O que você pensa sobre o mundo?

**B:** O mundo, eu acho que só tem pessoas idiotas. Só gente idiota que conta lorota o tempo inteiro, isso pra mim é o mundo.

**C:** O mundo todo é isso?

**B:** Ah, tirando as pessoas...como que eu vou falar assim, mais ingênuas que não contam tanta lorota, mas para mim o mundo é feito de pessoas loroteiras, que contam história...

**C:** Tirando os ingênuos?

**B:** Tirando os ingênuos, os ingênuos são os ingênuos (uma expressão de carinho).

**C:** Que acredita na lorota? Pior ainda

**B:** Que acredita na lorota, mas a maioria assim total é loroteiro.

**C:** E você?

**B:** Eu sou loroteira. (risos) .

**C:** Você é loroteira também (com voz de riso)

**B:** Sou claro. Claro que eu já fui enganada, depois disso não sou mais boba não, passei a ser loroteira.

**C:** Você não perdoa?

**B:** Perdoo, claro. Mas, também não acredito mais.

**C:** Mas passou lorota em todo mundo?

**B:** Ah, eu passo.



**C:** Você é muito irritada, desconfiada pô.

**B:** Não, eu não sou irritada não. Eu sou nervosa. Tipo assim é que eu tenho o gênio forte. Então, a gente tá conversando e tal e a pessoa não concorda comigo, aquilo é o fim, porque ela tem que concordar comigo. Porque eu acho que o meu é o certo.

**C:** Como é que pode?

**B:** Não, mas eu acho que a pessoa tá errada e ela tenta me convencer de que ela tá certa, aí no meio do caminho ela desiste antes de tentar me convencer. Eu acho pessoas fracas. São pessoas fracas pra mim, porque eu vou até o fim com aquilo que eu acho. Assim eu gosto muito dos meus amigos, mas o que mais me irrita neles, que me deixa nervosa, que eu perco a paciência, (expressão de raiva) é a falta de imposição deles. Porque eu tenho posição, eu gosto que a pessoa seja igual a mim, a pessoa desiste.

**C:** Você acha que eles são bovinos, eles te obedecem

**B:** É a pessoa que não luta por aquilo que acredita. O mundo é feito de pessoas assim, essas são as pessoas que eu considero bobas. Óh, vou dar um exemplo, teve um concurso lá no meu curso para ver quem era o melhor naquilo que fazia, eu fiz Web designer, tinha uma amiga que fez um site melhor do que eu, estava lindo, o meu tava horrível. Ela falou: não, o meu não tá bom e ela sentada do meu lado e o professor tinha que escolher só uma da nossa turma. Ela, não, o meu não tá bom, não tá bom e o meu horrível e eu falava não professor o meu tá bom, tá perfeito, tá assim porque o computador deu pane, deu pau, aí ela desistiu do dela sabe e eu passei, sendo que o meu tava horrível, eu não sabia fazer metade do que ela fez

Corta

**C:** Um bom depoimento tá bom. Muito obrigada, boa sorte, espero que você faça bons amigos apesar de tudo tá

**B:** Ela ri e repete apesar de tudo. Tá bom

Vai pegando a bolsa para sair dá tchau e sai.

Ao final da entrevista com a Bruna, Coutinho diz que ela deu um bom depoimento. De certa forma esse comentário me causou um certo incômodo, pois em várias partes da entrevista me senti em dúvida sobre a veracidade dos atos e sentimentos que estavam sendo narrados. Entretanto, Coutinho não estava preocupado com verdades ou mentiras,

mas com o como as pessoas veem o mundo. E nesse sentido a Bruna deixou claro os filtros que utiliza para estar e ser no mundo.

Essa reflexão me remete às contribuições de Epstein e Johnson (2009) quando dizem que a produção da identidade é um processo intra e interpessoal em que quem se é (ou está se tornando) deriva de uma combinação de como se vê o seu “eu”, suas histórias pessoais e suas relações com os outros. A produção de identidade é relacional, tanto no nível da fantasia quanto nas interações cotidianas com outros, inclusive – e, de forma importante, – com os pares. Os processos de formação de identidade estão cheios de ambivalência e contradição. O ponto de vista de cada um é sempre mediado por outras questões, aspectos, angulações potencial sobre o mundo, que tem a ver com a subcultura, que é construída no meio em que se vive.

### **3) Considerações finais**

O diretor inicia o filme acreditando que jovens não tem histórias para contar, por um lado não viveram tempo suficiente e por outro, suas ideias são castradas, principalmente pelos pais, falta espontaneidade. Ao longo do filme os 9 jovens entrevistados, deixam claro que suas histórias são entrelaçadas por contradições e ambivalências e que em comum eles só têm o fato de estarem finalizando o 3º ano do Ensino Médio.

A partir dessas 2 histórias editadas as jovens apresentam elementos que indicam como produziram suas identidades, como as experiências pessoais são bastante específicas e complexas. As narrativas tratam das relações desses jovens com a vida, com o mundo, com suas famílias, com a escola, com o futuro, com sentimentos de dor, medo, amor.

Todos esses aspectos aparecem entrelaçados. Sim, as jovens falam sobre si mesmos e sim, Eduardo Coutinho extraiu dessas conversas informações essenciais que nos ajudam a descortinar a juventude e a dar visibilidade às questões específicas dos jovens. É preciso que as problemáticas sejam socialmente reconhecidas (Madeira, 1986), para que se torne possível pensar no delineamento de políticas públicas especialmente destinadas para esta parcela da população, como uma forma de criar oportunidade para ela.

#### 4) Referências bibliográficas

- AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. *Tempo soc.*, Nov 2005, vol.17, no.2, p.11-33. ISSN 0103-2070.
- BORELLI, Silvia H. S.; ROCHA, Rose de M.; OLIVEIRA, Rita de Cássia A. Jovens na Cena Metropolitana – Percepções, narrativas e modos de comunicação. São Paulo. Pulinas, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *Questões de sociologia*. 1983.
- CASTRO, Mary Garcia . Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas. Acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In NOVAES, Regina e DUBET, François. *Des jeunesses et des sociologies. Le cas Français. Sociologie et sociétés*, vol. 28, n° 1. 1996.
- EPSTEIN, Debbie e JOHNSON, Richard. Jovens produzindo identidades sexuais. In: *Revista Brasileira de Educação* v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.
- IANNI, O. O jovem radical. In: BRITO, S. (Org.). *Sociologia da juventude, I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. p. 225-242.
- MADEIRA, Felicia Reicher. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: Questionando pressupostos e sugerindo pistas. *Cadernos de Pesquisa*, nº 58, p. 15-48, ago., São Paulo, 1986.
- NEVES, Gianne. Jovens egressos de projetos sociais: experiências para entrada na vida adulta. Dissertação de Mestrado. PUC SP, 2013.
- PAIS, José Machado. (1990), A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, Vol. 25, No. 105-106, pp. 139-165.
- TAVARES, Breitner. Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. *Soc. e Cult.*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 2012.
- VANNUCHI, Paulo (org.) *Juventude e Sociedade. Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo, Instituto de Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2004.